



Trabalho 191

OS PILARES DA EDUCAÇÃO NORTEANDO AS AÇÕES EDUCATIVAS EM HEMOVIGILÂNCIA

DIAS, M.A.M (1); VIANA.L.O. (2)

(1) Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ; (2) Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ

Apresentadora:

MARIA ANGELA MOREIRA DIAS (mdiasdt@gmail.com)

Escola de Enfermagem Anna Nery (Doutoranda)

Introdução: Este estudo representa parte de fundamentação teórica de tese de doutorado. Tem por objetivo correlacionar as ações educativas em Hemovigilância com os Pilares da Educação (Delors, 2006). Aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver são premissas que só podem ser comprovadas a partir de ações refletidas, avaliadas e reproduzidas por quem investe em conhecimento de maneira contínua. Essas quatro premissas perpassam a autoeducação, onde o indivíduo se adéqua as proposições do ambiente coletivo, quando as trocas sustentam e enriquecem o cotidiano prático. Cômico do sentido cíclico que se acorrenta na busca do saber, a aquisição de competências requer do profissional compromisso com a educação permanente. A Hemovigilância requer do enfermeiro interesse constante de aprendizado na detecção, investigação e notificação de eventos adversos em transfusão. **Metodologia:** Busca nas bases Medline e PubMed a partir dos descritores Educação em enfermagem; Educação continuada em enfermagem; Hemovigilância; Nursing education; transfusion, norteada pela questão ?Como correlacionar as ações educativas em Hemovigilância com os Pilares da Educação?? Dentre os vinte e três artigos encontrados, seis foram selecionados por apresentarem-se na íntegra e manterem aproximação com o tema, porém a ligação entre Hemovigilância e os Pilares da Educação não foi contemplada em nenhum dos materiais apresentados. **Análise:** Os Pilares da Educação só se efetivam quando extrapolam do perímetro acadêmico e invadem as práticas profissionais, onde poderão ser vivenciados, saindo do plano das ideias, vivificando as ações e materializando-se nos processos de assistência em saúde. Penso que eles não foram idealizados simplesmente para abrilhantar textos educativos, mas sim, para provocar mudanças intrínsecas e extrínsecas em profissionais e cenários. Aprender a conhecer incita a desbravar novos conhecimentos que estejam relacionados à prática, mas que envolvam novas realidades, outras especialidades. Delors aponta que o aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. O autor esclarece que o especialista que se fecha na sua própria ciência, corre o risco de se desinteressar pelo que fazem os outros. Complemento com a opinião de que possa vir a tornar-se um profissional obsoleto, preso as velhas práticas que não coadunam com a globalização da contemporaneidade. Aprender a fazer se relaciona ao fato que nenhuma tarefa profissional pode ser considerada totalmente acabada. Há sempre um ?toque? final que o outro possa dar que venha diferenciar aquela ação. É preciso estar aberto para agregar novas idéias aquilo que se faz. Delors adverte que aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa. Lembrar que, na assistência lidamos com o humano, com toda sua complexidade bio-psico-sócio-cultural-espiritual. A intencionalidade de nossas ações abarca o ser em todos esses âmbitos. Logo, não devemos simplesmente seguir protocolos, mas adequá-los a situações que permeiam o nosso fazer em um aprendizado constante, informal e ético ante as diversidades do ser. Aprender a viver juntos nos traz a lembrança que profissionalmente estamos inseridos em equipes onde a troca é mandatória e a qualidade desta troca dependerá do arbítrio de cada profissional. Viver juntos significa permitir-se permear pela opinião do outro, respeitando suas limitações e incentivando suas aquisições. De acordo com Delors o confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI. Aprender a ser se reflete na personalidade profissional. Relaciona-se com a ética, a bioética, a responsabilidade, enfim, o caráter do indivíduo no desempenho de suas funções, sempre tendo em consideração, o outro. O autor afirma que mais que nunca a educação parece, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de



Trabalho 191

pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem tanto quanto possível, donos do seu próprio destino. A aquisição de todos esses "Pilares" se reporta a uma autoeducação constante, permeada de momentos vivenciados em grupo e destinados a reativarem estes conceitos em nossas mentes. As ações educativas podem utilizar a técnica de brainstorm, onde as idéias brotam para serem (re) adequadas as vivências de certa realidade ou uma conversa onde conceitos são ora inseridos, ora (re)discutidos a partir da avaliação de situações. Resultados: Na gerência de ações educativas em Hemovigilância, o enfermeiro precisa atentar para os Pilares da Educação para que seja agregada a compreensão pela equipe, de que o ato transfusional é um dos demarcadores da atuação específica do enfermeiro. O passo-a-passo de um check-list que confirme e assegure a unidade certa de hemocomponentes para o paciente correto evita o erro humano, que é o mais temido em hemoterapia. A permanência do enfermeiro nos dez minutos iniciais da transfusão detecta a ocorrência de Reação Hemolítica Aguda, que pode vir a ser fatal se não atendida a tempo. Dominar as diversas sintomatologias das outras reações transfusionais, imediatas ou tardias, imunológicas ou não imunológicas, é o diferencial para o paciente. A notificação detalhada das reações transfusionais impede riscos futuros e protege pacientes e profissionais. Assim como, a determinação de procedimentos específicos que evitem recorrências em transfusão futuras, garante a segurança e prima pela qualidade do serviço. Conclusão/Implicações para a Enfermagem: Saber ser, aprender, fazer e vivenciar em equipe o conhecimento inerente aos meandros do ato transfusional tornam os profissionais de enfermagem os reais responsáveis pelo ato transfusional. O Enfermeiro em Hemovigilância necessita se apropriar destas questões para que, ao propor ações educativas necessárias ao aprimoramento das equipes, o faça de forma segura, madura, considerando os parâmetros interpessoais e os princípios da interdisciplinaridade para alcançar o objetivo da educação permanente com os profissionais da saúde. O ato transfusional traz em si riscos e o profissional de enfermagem tem que se inteirar dos eventos adversos possíveis de ocorrências, identificando-os e executando as condutas específicas capazes de reverter um quadro instalado como prever ocorrências de novos episódios. Descritores: Educação em enfermagem; Educação continuada em enfermagem; Competência profissional; Hemovigilância. Referências: Delors, J. Os quatro Pilares da Educação. Disponível em www.4pilares.net/text-context/delors-pilares.htm. Acesso em 10.11.2011 COFEN. Resolução 306/2006. Determina as competências do Enfermeiro em Serviços de Hemoterapia. Dias, MAM. O Enfermeiro na Hemovigilância: sua formação e competências. [Dissertação de Mestrado] Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, 2009. Silva, Soares, Iwamoto. Hemoterapia moderna, p